

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

A TRAGÉDIA DO RACISMO

O POVO LEVANTA-SE NA ÁFRICA DO SUL CONTRA A CRIMINOSA POLÍTICA DO "APARTHEID"

★ A OUA PEDE A REUNIÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

ARGEL (AFP) — A seguir aos tumultos de Soweto, onde violentos confrontos entre manifestantes negros e forças da ordem fizeram dezenas de mortos, o Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, cuja sede é em Argel, anunciou na quinta-feira que pedirá por intermédio da Organização da Unidade Africana, uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Num comunicado publicado na capital argelina, a ANC acrescenta que esta reunião deverá ter lugar antes da visita do primeiro-ministro da África do Sul, John Vorster, à França e à Alemanha Federal. Segundo a organização nacionalista negra, o objectivo da viagem do dirigente sul-africano seria «conferenciar com os seus aliados, compreendendo Kissinger, sobre a nova estratégia a empregar, a fim de perpetuar o «statu-quo» na África do Sul».

A ANC, no seu comunicado, faz igualmente apelo «aos povos democráticos e amantes da justiça» para que marquem com manifestações perto das missões diplomáticas sul-africanas no estrangeiro, a sua desaprovação pela política deste país em relação às suas populações negras.



★ 60 MORTOS E 800 FERIDOS PELA POLÍCIA, EM SOWETO ★ FORÇAS ARMADAS SUL-AFRICANAS DE PREVENÇÃO

MAPUTO — Segundo telegrama datados de Joanesburgo, as gigantescas manifestações da população africana, contra a discriminação racial e o regime do «apartheid» na África do Sul, transformam-se numa verdadeira insurreição. Violentos recontros entre manifestantes africanos e a polícia e unidades das forças de segurança, prosseguem pelo terceiro dia consecutivo, em Soweto, um dos mais impor-

tantes «ghettos» africanos de Joanesburgo. 60 pessoas mortas e 800 outras feridas, é o balanço das operações repressivas desencadeadas pelos racistas.

Incêndios espalham-se pelo «ghetto» e as chamas elevam-se nos ares. O número de feridos é tão elevado, que os hospitais locais não os podem acolher a todos. As vítimas são transferidas para Pretória e outras cida-

(Continua nas páginas centrais)

NEGOCIAÇÕES COM PORTUGAL

Seguiu ontem para Portugal uma delegação governamental guineense, formada pelas camaradas José Araújo, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado Sem Pasta, Victor Freire Monteiro, governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau, e Alfredo Fortes, director-geral das Alfândegas que, na capital portuguesa se juntará ao camarada Vasco Cabral, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, a fim de reiniciar negociações entre os Governos do nosso país e de Portugal.

ILHA MAURÍCIA

A GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE PRESENTES NA PRÓXIMA CIMEIRA DA O. U. A.

A fim de participar na 27.ª sessão ordinária do Conselho de Ministros da OUA, segue hoje para as Ilhas Maurícias o camarada Victor Saúde Maria, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

O camarada Comissário será acompanhado nesta sua viagem

pelos camaradas José Turpin, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e secretário-geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros, Abubacar Turé, director dos Organismos Internacionais, Jurídicos e Consulares e Cândido Monteiro, director de Divisão África, Ásia e Oceânia do Comissariado dos Negócios Estrangeiros.

A República de Cabo Verde será representada na mesma

BOLAMA

VAI COMEÇAR A CONSTRUÇÃO DA FÁBRICA DE SUMOS

BOLAMA — Começarão na próxima segunda-feira as obras de construção da fábrica de sumo de frutas de Bolama, segundo nos informaram os técnicos que ali trabalham.

Aquela fábrica é financiada pela Holanda e a sua construção custará 370 000 dólares (cerca de 11 100 000 pesos). Se as chuvas não obrigarem a interromper as obras, o que é muito provável, entrará em funcionamento no mês de Outubro. A fábrica ocupa uma área de 1000 metros-quadrados e tem capacidade para produzir de 1500 a 1800 toneladas de sumos de frutas por ano. Mas o volume da produção dependerá exclusivamente da quantidade de frutas fornecidas. Estará equipada com câmaras frigoríficas com capacidade para 200 toneladas de frutas. A fábrica fica situada nos arredores da cidade.

As esperanças do povo de Bolama residem fundamentalmente nesta fábrica. A antiga capital da nossa terra, símbolo de resistência à opressão colonial, está hoje a emergir dos escombros e das ruínas, que lhe custou a sua oposição aos invasores estrangeiros. A sua ascensão está a processar-se passo a passo. Para tal, todo o povo da ilha se prepara para desenvolver uma intensa campanha agrícola. Foi formada uma cooperativa agrícola piloto em Balambai, onde trabalham 27 pessoas, que já limpam um campo com 600 hectares. Nesse

local crescem laranjeiras e tangerineiras, existindo ainda um vasto campo, a aguardar a chegada de plantas de Bissau.

Os serviços de Agricultura e Pecuária local também se encontram em grandes actividades, preparando-se para proceder à arborização de campos actualmente incultos.

LUANDA TRIBUNAL POPULAR PEDE PENA DE MORTE PARA OS MERCENARIOS

LUANDA (AFP) — A pena de morte pedida para os 13 mercenários quando da abertura do processo, em Luanda a 11 de Junho, foi novamente pedida pelo procurador popular Rui Monteiro, num requisito que pronunciou na quinta-feira perante o Tribunal Revolucionário Popular.

Nos termos da acta de acusações, os mercenários são responsáveis de «crime contra a paz e contra o povo angolano», assim como de violação da fronteira com armas, de combates contra as Forças Armadas Nacionais, de assassinatos e de diversas destruições. Condenando, durante mais de 2 horas, o «imperialismo e os seus agentes, os mercenários que torturaram e massacraram os melhores filhos do povo angolano», Rui Monteiro considerou que o julgamento deveria ser exemplar. «É preciso, disse, que os candidatos a mercenários possam dizer: Lembrai-vos de Angola».

Rui Monteiro denunciou «a tolerância» dos governos inglês e americanos, e os «crimes» zairotas. Após ter acusado Kissinger de ser o «gerente do sindicato internacional do crime», exclamou de facto: «Falta um acusado nesta sala, Mobutu Sese Seko».

O procurador popular lembrou, igualmente, que o mercenarismo embora não seja condenado por penas precisas é claramente definido como um acto criminoso pelas organizações internacionais.

O Tribunal Revolucionário Popular de Luanda, que julga desde 11 de Junho os 13 mercenários acusados, especialmente, de crimes contra a paz e contra o povo e a República Popular de Angola, ouviu na quinta-feira o pedido do procurador popular, e a defesa dos acusados.

O Tribunal tinha terminado na quinta-feira com a audição das testemunhas de acusação. Destas testemunhas, cujos depoimentos

(Continua na 2.ª página)

Luiz Cabral recebeu advogado senegalês

Em visita de trabalho chegou na passada quarta-feira ao nosso país Sadilou Diop, advogado senegalês, que foi recebido anteontem pelo camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado. Igualmente foi recebido pelos camaradas José Araújo, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado Sem Pasta, Carlos Correia, membro do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado das Finanças, Inácio Semedo, director de Cooperação Internacional e Victor Freire Monteiro, governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau.

Mário Cabral na Tanzânia

Seguiu na passada quarta-feira para Dar-Es-Salam, a fim de tomar parte na Conferência sobre Educação e Desenvolvimento de Adultos, que decorrerá na capital tanzaniana de 21 a 26 do corrente mês, o camarada Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura.

Comissários da Saúde e do Comércio regressaram ontem da Suécia

«A minha missão em Estocolmo integra-se no quadro da cooperação que sempre existiu entre o Governo sueco e o nosso Partido e agora o nosso Estado», começou por nos dizer o camarada Armando Ramos, membro do CSL do Partido e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, ao regressar ontem de uma visita de uma semana à Suécia, acompanhado do camarada Eduardo Fernandes, director do Comissariado do Comércio.

«Fui a Estocolmo, continuou o camarada Armando Ramos, a fim de estudar, juntamente com a SIDA, organismo governamental de cooperação a possibilidade de transferência do nosso serviço de venda que ali se encontrava e que era feito por conta do nosso Estado por aquele Governo. Discutimos e estudámos as possibilidades de transferência daquele serviço para o nosso país, dado que o nosso Estado já se encontra independente».

Sobre os resultados concretos

da sua missão a Estocolmo, o camarada Armando Ramos referiu:

«Discutimos e fizemos todo um trabalho que era necessário fazer. Vamos enviar alguns quadros, a fim de fazerem um estágio naquele serviço de venda, esperando que para o próximo ano ele possa passar para o nosso Estado».

JOÃO DA COSTA

Regressou ontem à nossa capital o camarada João da Costa, membro do Conselho Superior de Luta do Partido e Comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais que se tinha deslocado na semana passada à Suécia a fim de discutir com as autoridades suecas, assuntos ligados à saúde.

Encerramento de um curso sobre Educação Sanitária

Realizou-se ontem à tarde numa das salas de Pediatria no Hospital «Simão Mendes», em Bissau, a cerimónia de encerramento de um curso para educadores sanitários, que teve a duração de 3 meses e no qual participaram cerca de 30 jovens de ambos os sexos. São eles militantes da JAAC, monitores es-

colares e elementos do Departamento de Alfabetização.

Estes jovens irão realizar trabalhos práticos de Educação Sanitária nos bairros a que pertencem. Prevê-se a criação de escolas nos respectivos bairros, onde ensinarão os conhecimentos adquiridos durante o curso.

Participaram na cerimónia de encerramento, além da responsável pela Educação Sanitária na Região de Bissau, Antónia Teixeira, os camaradas Paulo Medina, director do Hospital «Simão Mendes» que presidiu à cerimónia, Venâncio Avelino Furtado, responsável pela Saúde na Região de Tombali e dois membros da Comissão Organizadora da JAAC na Região de Bissau, Florentino Cardoso e Francisco Cruz.

Mulheres Soviéticas

Regressou anteontem a Moscovo a delegação das Mulheres Soviéticas que, a convite da Comissão Feminina do PAIGC, se tinha deslocado ao nosso país e à República irmã de Cabo Verde.

A despedir-se da delegação soviética, esteve no aeroporto de Bissalanca a camarada Teodora Inácia Gomes, membro da Comissão Feminina do PAIGC.

Rallye do B.N.G. adiado para 26 e 27

Foi adiado para o próximo fim de semana, dias 26 e 27, o I Rallye do Banco Nacional da Guiné-Bissau, inicialmente marcado para hoje e amanhã. A prova, num percurso total de 400 quilómetros, incluirá duas etapas: a primeira, Bissau-Mansabá-Bafatá-Sonaco-Gabú-Bafatá, e a segunda, Bafatá-Mansabá-Mansoa-Bissau, incluindo ambas, provas de velocidade e de regularidade. Haverá também, na capital (Praça dos Heróis Nacionais) uma prova complementar.

As inscrições, que se encontram abertas, devem ser feitas junto de J. Caronnis, no B.N.G. De acordo com informações colhidas pela nossa reportagem, regista-se já diversas inscrições, aguardando-se que os nossos automobilistas que ainda não o fizeram, se apressem a inscrever.



RESPONDE O POVO

Que espera das conversações com Portugal?

«Espero que esta fase de negociações num ambiente de entendimento que o nosso povo sempre desejou ter com o povo português, um entendimento que deveria haver mais cedo no sentido de podermos desenvolver uma relação mais estreita que permita aos nossos povos continuarmos juntos a luta de reconstrução nacional».

Foram estas as opiniões do camarada Salvador Luís Fernandes, membro da Comissão Nacional da UNTG (União Nacional dos Trabalhadores da Guiné), abordado pela nossa reportagem que saiu à rua para saber o que pensam as pessoas sobre a nova fase de conversações que agora se inicia com Portugal.

O Camarada Salvador manifestou ainda o seu desejo de que os trabalhos das conversações sejam mais claros e mais rápidos e que não haja mais entraves, como nas conversações anteriores.

As restantes pessoas entrevistadas afirmaram-se optimistas quanto aos resultados das negociações, pois, segundo o camarada Raul Varela Sanchez, empregado das

Construções Ld., «isto vai constituir mais um passo em frente para o reforço da nossa cooperação com Portugal em vários domínios e com vantagens recíprocas».

Um outro entrevistado, o estudante Fernando Mário Mota, realçou a ajuda que o Governo português poderá conceder ao nosso país, em particular no campo do ensino, porque utilizando nós a língua portuguesa, beneficiaremos muito com a cooperação com aquele país, não só neste domínio, como também em vários outros.

«Independentemente do facto de termos sido colonizado pelo colonialismo português, o que de maneira nenhuma irá entrar as nossas relações com o povo português, que sempre soubemos definir como nosso aliado na luta contra o regime colonial, que também o tinha subjugado através da sua política de repressão, a ex-PIDE/DGS, espero que nesta fase de negociações venham a ser definidos os moimentos concretos de cooperação com o povo português e que as nossas relações sejam

cada vez mais intensificadas no interesse dos nossos dois povos».

Um dos pontos igualmente analisado pelo camarada Fernando na sua declaração, foi «o problema do reconhecimento da nossa moeda pelo Governo português, pois, uma vez que vão ser restabelecidas relações com Portugal, haveria vantagens nisso, devido ao facto de existirem nesse país muitos estudantes nossos, para os quais têm sempre dificuldade, em transferir uma certa quantia indispensável à sua subsistência e, certamente, virão para cá mais cooperantes portugueses, pelo que há toda a vantagem no reconhecimento, da parte daquele Governo, da nossa moeda nacional».

NO PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo Trissemestral Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50 Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

1 ano 500,00

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NÓ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» Rua António N.Bana telefone 2520.

AMANHÃ — «MODERNA» Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

SEGUNDA-FEIRA — CENTRAL»

Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG.B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas:

NOTICIÁRIOS:

A 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — Às 18,30 horas

«UM A UM SEM PIEDADE» m/14

anos e às 20,45 horas «ACONTECEU A NOITE PASSADA»

m/18 anos.

SEGUNDA-FEIRA — Às 20,45 horas

«AMOR DE MÃE» m/14 anos.

São Vicente

Mulheres soviéticas

A convite do Governo do país irmão chegou à ilha de S. Vicente uma delegação da Organização das Mulheres da União Soviética, composta de três membros, que foram estabelecer contactos com a Comissão Organizadora das Mulheres de Cabo Verde, no âmbito de experiências a nível das duas delegações.

A referida delegação era acompanhada por Maria das Dores Silveira Pires, da COM que se deslocara ao Sal para o efeito.

À sua chegada nesta ilha, a delegação soviética era aguardada no aeroporto de S. Pedro por uma delegação da Comissão Organizadora das Mulheres de S. Vicente, e pelo camarada Daniel Cardoso, delegado da Administração Interna.

PRIMEIRO JULGAMENTO POPULAR

Realizou-se o primeiro julgamento popular da zona de S. Domingos, no edifício da escola primária desta vila. O Tribunal Popular era constituído por um juiz presidente de mesa, por um secretário e interrogador e por três vogais.

O julgamento principiou às 10,25 horas e terminou às 13,15 horas aproximadamente.

O réu era acusado de sabotagem, por ter roubado um tubo de canalização que abastece água à população de S. Domingos, e foi, por esta razão, punido com multa de 2 mil escudos, pago em prestações, e com 15 dias de trabalho obrigatório, tendo o réu de trabalhar um dia por semana ao serviço do Estado.

A sala estava completamente cheia, assistindo a esse julgamento estiveram presentes, membros do Ministério da Justiça e do Comité Justino Lopes.

São Nicolau

Missão de trabalho de uma delegação da Agricultura

Esteve na Ilha de S. Nicolau uma delegação do Ministério de Agricultura e Águas (Direcção Nacional de Águas), constituída pelos engenheiros José Henrique Vera Cruz e Poullé.

Estes camaradas tiveram uma sessão de trabalhos com os camaradas José Eduardo Barbosa, responsável político da ilha, Valeriano Barbosa Amado, responsável local da Delegação do Ministério da Agricultura e Águas e Francisco Barbosa, responsável pela Agricultura no Fogo, que se encontra em S. Nicolau em missão de serviço.

Santiago

Actividades da Central de Cooperativas

No âmbito das tarefas que vêm sendo levadas a cabo pela Central de Cooperativas, deslocaram-se às Fontes, na zona de Quebrada, os camaradas Eurico Correia Monteiro, Elísio Silva e Alcides Carvalho de Barros, da referida Central, a fim de estudarem os projectos prioritários e as actividades a serem iniciadas, com vista à formação de uma cooperativa de produção agrícola, na zona.

Entretanto, em serviço da mesma Central deslocou-se ainda à zona da Quebrada, um camarada técnico dos Serviços Hidráulicos, com o objectivo de estudar as possibilidades e a viabilidade do prosseguimento dum tanque ali em construção.

Por sua vez, esteve na sede desta Central das Cooperativas,

do sector de Santa Catarina, o camarada Gil Querido Varel (Kid), responsável pela organização de cooperativas no referido sector, a fim de apurar as posições exactas dos débitos das Cooperativas, tendo trabalhado com os camaradas Joaquim Soares de Carvalho e Eduardo Monteiro.

Lei sobre a Nacionalidade

Foi apresentado pelo Ministério da Justiça e aprovado pelo Conselho de Ministros da República irmã de Cabo Verde, o Decreto-Lei sobre a Nacionalidade.

A visita do Presidente Ould Daddah, da Mauritânia

O Presidente da República Islâmica da Mauritânia, Moktar Ould Daddah, visitou, acompanhado por uma delegação composta pelo ministro de Negócios Estrangeiros, secretário-geral da Presidência, director para os Assuntos Políticos, director e funcionário de protocolo, durante dois dias, a República irmã de Cabo Verde.

À sua chegada, o Presidente da Mauritânia recebeu cumprimentos do Presidente do país irmão, camarada Aristides Perei-

ra. Cumprimentou em seguida o camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro, dirigente do Partido e Estado, o bispo da Diocese de Cabo Verde, o Superintendente da Igreja Nazarena e o corpo diplomático acreditado na República de Cabo Verde.

O Presidente Ould Daddah e a delegação que o acompanhou, deslocaram-se, durante a sua estadia em Cabo Verde, ao interior de Santiago, nomeadamente, à Vila da Pedra Badejo, zona agrícola Justino Lopes, Vila do Tarrafal, campo agro-pecuário Ernestina Silá, onde foi servido um almoço.

Acompanharam a delegação mauritaniana durante a visita, o camarada Silvino da Luz, ministro da Defesa e Segurança Nacional, e outros membros do Partido e Estado.

Esta visita do Presidente mauritaniano inscreveu-se na política de boa vizinhança seguida pelo Governo do país irmão, de forma a ter relações diplomáticas com todos os estados vizinhos, no desejo de garantir a paz e a segurança na região.

O embaixador em Angola encontra-se na Praia

Encontra-se em Cabo Verde o embaixador daquele País irmão na República Popular de Angola e de Moçambique, camarada Joaquim Pedro da Silva (Baró).

A sua presença na República irmã de Cabo Verde é devida à necessidade de contactos com o governo para a orientação da sua política nos países onde está acreditado.



Amílcar Cabral

"A nossa luta é na nossa terra"

«Boas relações com Portugal, camaradas, mas na independência. Vocês vêm que nós podemos falar durante horas seguidas sobre isso, sobre a importância disso. Não é interesse do Cabral, nem de meia-dúzia de meninos da nossa terra, da Guiné ou de Cabo Verde, que gostam muito do Benfica ou da Académica, não é isso. É o interesse grande do nosso povo, interesse económico, interesse político, e até interesse cultural.

Na nossa terra, nós queremos acabar com a mania do Governo de Portugal de mandar no nosso povo, que não é português. A nossa terra não é Portugal. Queremos acabar com a presença do Estado colonial português, que é representado por tropas, milícia, administração e cachorros africanos, que servem os tugas. Temos que acabar com isso na nossa terra, essa é que é a nossa luta. Enquanto o Governo português mandar tropas para a nossa terra ou tiver tropas na nossa terra, enquanto ele tiver a mania de pôr os seus governadores ou administradores e chefes de posto na nossa terra, enquanto ele tiver a mania de ter na nossa terra a sua polícia, os seus calabouços, tribunais e outras coisas, enquanto o Governo português tiver a mania de que ele manda no nosso povo e que a nossa terra é um pedaço de Portugal ou coisa que o valha, enquanto o Governo português não reconhecer que o nosso povo na Guiné e Cabo Verde, tem direito de mandar em si mesmo e que deve retirar da nossa terra tudo quanto pode representar vantagem para os portugueses, a não ser simplesmente um representante do Estado português como embaixada ou outro género de representação diplomática, enquanto isso existir da parte dos colonialistas portugueses, de Portugal, nós vamos combater duro contra o Governo de Portugal.

Hoje, estamos em guerra com o Estado colonial português, na nossa luta armada de libertação nacional. O Estado colonial português é nosso inimigo, o Governo português é o primeiro inimigo do nosso povo, e toda a gente que cumpre ordens do Governo português para barrar o caminho, para tapar o caminho de avanço do nosso povo para a liberdade e para o progresso na Guiné e Cabo Verde, é inimigo do nosso povo. Qual é a nossa posição, diante do Governo português?

O Partido já definiu isso claro, e qualquer militante consciente do nosso Partido, quanto mais os responsáveis e dirigentes, conhecem a posição do nosso Partido, tanto em relação ao povo de Portugal, como em relação ao Governo português. A nossa posição é muito simples. Nós não lutamos contra o Governo português em Portugal. Para nós, tanto faz que o chefe de Portugal seja rei, presidente da República, azul, vermelho, comunista, socialista, fascista, nazista, democrático, liberal, centrista, seja o que fôr, esse é um assunto dos tugas, dos portugueses em Portugal, não é nosso. Como homens progressistas e como um Partido que quer o progresso no mundo, nós podemos desejar sinceramente, que Portugal, o povo de Portugal, pelo qual temos estima, seja governado como qualquer outro povo no mundo, por um governo progressista, por um governo que faça justiça, justiça social, por um governo que faça o povo de Portugal avançar para o progresso porque é um dos povos mais atrasados no mundo. Isso é outra coisa, o nosso desejo, como homens de progresso, como homens amigos e como povo amigo, é uma coisa. A nossa intenção, o nosso objectivo, é outra coisa. Nunca lutaremos para pôr qualquer regime em Portugal, a nossa luta é na nossa terra.

VERDADEIRA INSURREIÇÃO NA R.S.A.

MILHARES DE PESSOAS LEVANTAM-SE CONTRA A POLÍTICA DO "APARTHEID"

— CERCA DE UM MILHAR DE VÍTIMAS EM SOWETO

(Continuação da 1.ª página)

des. Assiste-se a manifestações da população em outras regiões do país.

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO

JOANESBURGO (AFP) — A situação nos «bairros negros» em torno de Joanesburgo está em vias de se deteriorar e a polícia está prestes a utilizar «grandes meios», anunciou um porta-voz das forças «da ordem».

«Recebi dos meus superiores luz verde», declarou o general J. F. Visser, comissário geral adjunto para Witswatersrand. Indicou também que unidades do exército, da marinha, da força aérea e das reservas territoriais tinham sido colocadas em estado de alerta.

Em três dias (desde a manhã de quarta-feira, quando estudantes exigiam o fim do ensino em língua «afrikaans», utilizada pelos «boers» os recontros estenderam-se a uma área de mais de 3 mil quilómetros quadrados em redor de Joanesburgo, que tem 3 milhões de habitantes, dois milhões dos quais africanos.

EXTENSÃO DA INSURREIÇÃO

Ontem de manhã, a sublevação iniciada 48 horas antes em

Soweto estendia-se a pelo menos sete outros aglomerados «negros», no Transvaal. A universidade «negra» de Zoulouland, na província do Natal, foi também incendiada, na manhã de ontem, pelos estudantes.

Em Alexandra, mesmo a norte de Joanesburgo, a polícia abriu fogo sobre jovens que levantavam barricadas e incendiavam viaturas e edifícios públicos.

Em Vosloorus, a 25 quilómetros de Joanesburgo, milhares de africanos incendiaram automóveis e repartições administrativas, tendo importantes forças de polícia sido enviadas para o local.

Registaram-se incidentes semelhantes em Natalspruit, próximo de Vosloorus, em Kagiso, 25 quilómetros a noroeste de Joanesburgo e em Krugersdorp. A 300 quilómetros ao norte da «cidade de ouro», na Universidade «negra» de Turfloop, os estudantes tentaram lançar fogo nos edifícios escolares, depois de se terem manifestado junto da esquadra da polícia local.

DECLARAÇÕES DE KURT WALDHEIM

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque) (AFP) — O Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Wal-

dheim, declarou ontem que só medidas urgentes pondo termo ao «apartheid» e à discriminação racial na África do Sul podem reduzir a tensão que prevalece neste país e facilitar a procura de uma solução justa e durável dos seus problemas.

Eis o texto da declaração que Waldheim fez publicar pelo seu porta-voz acerca dos acontecimentos actuais na África do Sul: «O Secretário-Geral está profundamente chocado pelas notícias que relatam a continuação das agitações (na África do Sul) e o aumento do número de mortos e de feridos. Pede encarecidamente o máximo de calma para que cessem as efusões de sangue e os sofrimentos. O Secretário-Geral continua convencido que só a tomada de medidas urgentes pondo termo ao «apartheid» e à discriminação racial é susceptível de diminuir as tensões e as desordens na África do Sul e facilitar a procura de uma solução justa e durável».

COMUNICADO DA O.U.A.

ADDIS-ABEBA (TASS) — A repressão sangrenta das manifestações pacíficas, em Soweto, subúrbio africano de Joanesburgo, é um novo desafio lançado pelo regime de «apartheid» da

RSA à opinião mundial, é dito na declaração enviada na quinta-feira à Imprensa, em Addis-Abeba, pelo Secretariado da OUA. Esta acção criminosa atesta, uma vez mais, o carácter agressivo do Governo da minoria branca, que procura manter-se no poder por cruéis represálias.

A OUA exprime a certeza de que nem pela repressão, nem pela força das armas o regime racista poderá deter a vaga do movimento de libertação. A Organização da Unidade Africana convida à opinião mundial a condenar vigorosamente o novo crime sangrento do regime de Pretória.

RATSIRAKA PRONUNCIA-SE

TANANARIVE (AFP) — Madagáscar pede a convocação do Conselho de Segurança depois dos incidentes na África do Sul. O Presidente Didier Ratsiraka enviou ontem à noite uma mensagem a Kurt Waldheim, Secretário-Geral da ONU, «condenando os actos selvagens e criminosos perpetrados pela minoria branca da África do Sul, e que arriscam-se a ultrapassar em horror e, em desafio à opinião mundial, os massacres de Sharpeville em 1960».

«Tendo em vista evitar uma guerra generalizada na África Austral, peço-vos encarecidamente, acrescenta a mensagem do Presidente Ratsiraka, que se dignem convocar urgentemente o Conselho de Segurança, a exigir de todas as nações, e particularmente, as africanas, a aplicação das resoluções da Assembleia Geral da ONU e do Conselho de Segurança, a fim de se obter a paragem imediata e incondicional de toda a ajuda económica e militar à África do Sul».

CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS CONDENA

GENEVA (AFP) — O Conselho das Igrejas da África do Sul, considera, numa declaração tornada pública na quinta-feira em Genebra, pelo Conselho Ecnómico das Igrejas, que «o horror do que se passa no subúrbio negro de Soweto, perto de Joanesburgo, mostra como é grave a situação na África do Sul».

O Conselho das Igrejas na África do Sul declara-se «horrorizado pela falta de reacções por parte das autoridades que não compreenderam e reagiram às aspirações da população negra,

(Continua na página 6)



AS REPÚBLICAS

Há já mais de 18 meses que a Guiné-Bissau, e mais de 9 meses que as ilhas de Cabo Verde aderiram à independência total sob a direcção do PAIGC. Até agora estes dois países muito fizeram para sarar as suas feridas e construir uma vida livre.

A ocupação estrangeira não é mais que uma lembrança, e todas as energias se concentram-se na edificação de novas estruturas económicas e sociais e de novas formas de democracia política, no despontar, entre os 800 000 habitantes da Guiné-Bissau e os 300 000 da república irmã de Cabo Verde, de novas atitudes de responsabilidade face os assuntos públicos.

De momento, as duas repúblicas, cujo destino está historicamente ligado, continuam constitucionalmente separadas, mas elas são governadas pelo mesmo movimento nacional, o PAIGC, universalmente conhecido, e que conduziu cada uma delas à sua própria soberania.

Várias semanas através dos dois países permitiram-me medir os progressos realizados e os problemas que estão por resolver. Mas, antes de lá chegarmos, impõe-se a lembrança de algumas datas. A guerra de libertação na Guiné-Bissau contra o regime colonial português foi desencadeado pelo PAIGC durante o mês de Janeiro de 1963. Cinco anos decorridos, o movimento nacional tinha claramente ganho a guerra no continente.

Mas o exército e aviação portuguesa persistiram desesperadamente, essencialmente devido ao receio dos efeitos que uma evacuação provocaria inevitavelmente nas suas posições em Angola e Moçambique.

Em Setembro de 1973, quando controlava cerca de dois terços do território, o PAIGC depois de ter organizado eleições gerais, proclamou a independência. Depois do

"Em Sharpeville queimámos os passes, hoje incendiámos as repartições que os fazem"

«Em Sharpeville, queimámos os nossos passes, hoje incendiámos as repartições que os fazem e são os jovens, ainda bebés em Sharpeville, que cometem tais acções», declara um habitante de Soweto, nos arredores de Joanesburgo.

O passe a que se refere é o «laissez-passer» que permite aos negros residir em Soweto. Ali se mencionam os anos de trabalho na profissão e dados sobre a identidade, incluindo a origem tribal. Para se poder habitar em Soweto, cidade-dormitório de um milhão de habitantes em 55 quilómetros quadrados, é preciso justificar um emprego estável de pelo menos dez anos. Em contrapartida, os residentes não têm o direito de ser proprietários do seu domicílio e têm que pagar a renda, todos os meses, na repartição de casas, agora em chamas....

Uma nova página trágica entra para os anais dos crimes cometidos pelo regime racista da África do Sul. 60 africanos foram mortos e 800 outros feridos: tal é o balanço incompleto da repressão sangrenta em Soweto, nos arredores de Joanesburgo, onde milhares de manifestantes exigem o fim da discriminação racial.

Uma nova tragédia na R.S.A., onde o sangue dos mártires do regime desumano do «apartheid» foi derramado uma vez mais... Milhões de africanos, habitantes da África do Sul, milhões

de irmãos seus em todos os países da África, milhões de pessoas de todo o mundo, deploram a morte dos patriotas sul-africanos.

Mas o seu sacrifício não terá sido em vão. Os verdugos racistas não atiram só sobre os patriotas sul-africanos, em Soweto. O crime hediondo cometido, atinge a África inteira, todas as forças progressistas mundiais e desmascara completamente as últimas manobras de Vorter e dos seus lacaios, tentando fazer crer uma «liberalização» do regime.

Por muitos crimes que possam ainda cometer, os racistas na África Austral estão condenados. Soweto, tal como Sharpeville (21 de Março de 1960: 69 africanos são assassinados pela polícia, quando protestavam contra a obrigatoriedade da utilização dos passes), não serão mais do que marcos da caminhada dos povos da África do Sul, Namíbia e Zimbábue, na sua luta contra o racismo, contra toda a espécie de dominação e de exploração, pela liberdade e pela verdadeira independência.



ILHAS IRMÃS DO PAIGC (1)

golpe de Estado de Abril de 1974, em Lisboa pelo qual os militares derrubaram a ditadura salazarista, as forças armadas portuguesas decidiram-se a admitir a derrota. Em 14 de Outubro do mesmo ano, as últimas tropas de ocupação foram escoltadas polidamente pelo exército do PAIGC até ao porto de Bissau donde embarcaram para a «metrópole». Os dirigentes da resistência vitoriosa, veteranos de uma luta tão longa como heróica, tomando efectivamente na mão, por toda a parte, a totalidade dos assuntos do país, puderam então avaliar a extrema miséria que o sistema colonial vencido deixou por herança.

Nas ilhas de Cabo Verde, as coisas desenrolaram-se doutra maneira, mas o resultado foi idêntico. Em 1974, era evidente que o PAIGC gozava de um apoio popular geral. Este apoio foi devidamente confirmado pelas eleições de Junho de 1975 que se traduziram por um voto massivo em favor do movimento nacional, e, em 5 de Julho, era proclamado a república de Cabo Verde. O Secretário-Geral do PAIGC, Aristides Pereira, tornou-se o Presidente, e instalou a sua residência na cidade da Praia, na ilha de Santiago. (O actual Presidente da Guiné-Bissau é, desde 1973, o Secretário-Geral Adjunto do PAIGC, Luiz Cabral, que foi, assim como Aristides Pereira um dos fundadores do partido, em 1956.) E aqui, nas ilhas, os dirigentes do movimento nacional puderam do mesmo modo, julgar as tristes realidades do colonialismo português.

Mas deixemos para mais tarde Cabo Verde — estas dez grandes ilhas vulcânicas de uma extraordinária e democrática beleza e cujo povo acrescentará ao arco-íris da vida ocidental-africana uma

nova e brilhante cor — e olhemos a Guiné-Bissau, no segundo ano da sua independência...

Duas impressões dominam. Uma impressão de paz e de segurança, em todo o lado nas cidades como nas regiões mais isoladas do mar. E uma impressão de pobreza generalizada e quase inacreditável em equipamentos modernos, em infraestruturas, em tudo o que se sub-entende quando falamos de «desenvolvimento». Aqui e lá, depara-se ainda com velhas escritas em português e que sobreviveram, não se sabe como, nos edifícios públicos em que estão fixadas. Estas inscrições tinham sido colocadas em 1946 para festejar o «quinto centenário da descoberta da Guiné por Nuno Tristão». Não se pode, lendo-os, mais que perguntar o que os portugueses puderam fazer durante estes cinco longos séculos de ocupação.

Tomemos, por exemplo, Bissau. É uma pequena cidade agradável, construída sobre uma colina que desce até ao mar. Mas o porto não tinha um só grua pesada até que o PAIGC instalou uma no ano passado. Esta ausência de infraestruturas — com excepção de algumas estradas estratégicas e uma infinidade de barracamentos militares — é evidente em todo o país.

UM REGIME ESTÁVEL

A Guiné-Bissau, é compreensível, tem portanto que fazer face a gigantescos problemas tecnológicos. O que ela não tem que enfrentar — e a paz e a segurança gerais afastam-no são os problemas políticos. O regime é manifestamente estável e perfeitamente representativo.

Homem de rara energia e de uma excepcional clarividência, o Presidente Luiz Cabral explica-nos as razões. A política fundamental do PAIGC constitui em estender

BASIL DAVIDSON

as cidades e as aldeias ocupadas até 1974 pelo exército português, depois reforçar, as mesmas estruturas de democracia representativa, «da acção na base» que haviam instalado e se tinham desenvolvido nas antigas zonas libertadas durante a guerra.

FUNDAÇÕES DEMOCRÁTICAS

Estas estruturas foram uma das principais razões da vitória. Graças a elas, as populações passaram da simpatia e do apoio ao PAIGC para uma participação activa na luta, na administração e na protecção das zonas libertadas. Também, quando o novo Estado surgiu em 1974, ele pôde já encontrar solidamente apoio nas suas

datava do fim de 1972. Estava-se então em plena guerra. Reencontrei velhos amigos. Cada dia, nós reencontramos os representantes dos 15 comités de tabanca que dirigem todas as actividades na ilha, em cooperação com o pessoal administrativo do PAIGC, e falamos durante horas.

O venerável Bat Nomanchu, um velho nalu que eu tinha entrevistado em 1972 — e cujo trabalho, hoje como ontem, consiste em assegurar a ligação entre os comités e o poder central — passou em revista os dois anos decorridos. «Nada de mau aconteceu aqui desde a vossa última visita», disse-me ele com uma prudência bem camponesa. «Nós vivemos em liberdade, acrescentou, e estamos con-

GUINÉ-BISSAU UM POVO EM PAZ

próprias fundações democráticas. Desde então, a tarefa primordial no domínio político foi a instalação em todo o país destas estruturas. Este processo já está largamente avançado.

Tive a ocasião de verificar muito bem nas antigas zonas libertadas assim como nas que foram recentemente libertadas. Por exemplo na ilha de Como, um dos mais antigos centros da resistência armada, donde os portugueses tinham sido corridos desde 1964. Um helicóptero fretado pelo governo tinha-me conduzido primeiro até a vila de Cctió — uma vila que não merece mesmo este nome — na província sul. Depois, daí, um barco a motor, deslizando-se ao longo das enseadas, depôs-me na ilha.

A minha última viagem a Como

tentes». Depois descreveu em detalhe a sua vida de todos os dias, enquanto os outros membros do comité acrescentaram aqui e ali uma precisão ou um comentário. Ressalta que se os problemas políticos não existem, muitos problemas materiais se põem: falta de estradas, de pontes, de barragens (muitas tinham sido destruídas durante a guerra) para a irrigação dos arrozais.

A questão das taxas e das trocas foi objecto de uma longa discussão. Como todas as antigas zonas libertadas. Como ficou isenta, por um período de três anos, de todo o imposto pessoal. Quanto às trocas, a situação melhorou muito. O «arrazém do povo» foi aumentado. Está melhor abastecido, e conta actualmente com várias filiais. Os preços

do arroz e do óleo de palma baixaram. E se as dificuldades persistem, as populações compreendem perfeitamente as razões, ligadas ao conjunto das condições económicas.

Em Quitáfine, onde eu estive em 1967 quando a região vivia uma luta intensa, os habitantes que se tinham embrenhado nas profundezas da floresta ou tinham procurado asilo na Guiné-Conakry vizinha regressaram à sua região. Actualmente, eles reconstróem aldeias ao longo das estradas florestais, em grande número, é um espectáculo de grande regozijo. Nas estradas antigamente sulcadas de campos de minas, passam hoje as crianças que se dirigem para a escola. Raramente se encontra, aqui ou acolá um polícia ou um soldado. E durante toda a nossa viagem destas antigas zonas libertadas, em Kinara e em Morés, no norte, como nas terras para além do Corubal, foram as mesmas impressões que se nos depararam.

O FACTOR TEMPO

Nas zonas mais recentemente libertadas, as coisas são muito diferentes. Libertados do jugo português apenas desde 1974, os habitantes estão ainda em vias de aprender a trabalhar com os novas estruturas representativas e de se adaptar à nova vida democrática. Isso exige tempo. E mesmo Bissau, com cerca de 85 000 habitantes, conhece sérios problemas. As forças armadas portuguesas tinham sustentado durante anos milhares de parasitas locais. Hoje é necessário fazer face ao desemprego e à desmoralização que daí resulte.

De tudo isto, o Presidente Luiz Cabral e seus camaradas estão perfeitamente conscientes. Eles enfrentam a situação com o rigoroso realismo que os caracteriza. Eles evocam os problemas da reconstrução, da edificação de uma sociedade moderna, justa, igualmente aberta a todos, com a franqueza e a modéstia de que sempre deram provas ao falarem da luta armada. Eles manifestam um optimismo confiante, mas despidido de toda a presunção, que é próprio dos homens e das mulheres que não ignoram nenhum dos problemas que se lhes depara, mas que sabem que podem resolvê-los.



Educação Sanitária

Vamos defender os nossos olhos

Numerosos casos de doenças em construir, precisamos de homens e mulheres são.

TRACOMA

Sempre que alguém verifique que, sem razão, lhe apareceu um olho vermelho e essa vermelhidão durar mais de três dias, deve procurar um médico.

Em Bissau, pode dirigir-se à consulta de Oftalmologia, que funciona no Hospital Simão Mendes, três vezes por semana, recebendo de cada vez de 30 a 35 doentes, acrescidos de casos que necessitam ser estudados ou para atender os doentes vindos de fora de Bissau.

Quando a tal vermelhidão surge, o mais frequente é estarmos perante um tracoma. Efectivamente, esta é a doença ocular mais frequente e a que mais prejuízos tem causado à população. Grande percentagem das consultas de Oftalmologia são preenchidas com doentes completamente cegos ou sem possibilidades de recuperação, devido a tracomas.

O tracoma é uma afecção ocular de natureza inflamatória, provocada por um vírus. Aparece em todas as idades, tanto em homens como em mulheres. Surge principalmente em meios pouco desenvolvidos e associa-se a factores como a pobreza, aglomeração em locais com insuficiência de água e falta de condições higiénicas. Embora não esteja provado, pensa-se que a mosca é um agente transmissor. Directamente transmite-se pelos dedos, toalhas, panos, etc., usados em comum por várias pessoas.

Quando um indivíduo está afectado por um tracoma sente dificuldade em encarar a luz

(fotofobia), lacrimeja, tem comichão, ardor e uma sensação de corpo estranho e de peso nas pálpebras.

Quando feito o seu despiste a tempo e adoptado um tratamento adequado é fácil combater esta doença. Para isso, basta uma bisnaga de pomada que não custa mais do que quinze pesos. Numa fase ligeiramente avançada, resolve-se com processo cirúrgico simples e barato. O que é preciso é agir e não ficar à espera que o problema se resolva por si ou pensar que é irremediável. Nesse caso, o doente arrisca-se a ficar totalmente cego.

CATARATA SENIL

Quanto à catarata senil, desde que não existem complicações, cura-se com operação e correcção de lentes. A visão pode ficar diminuída, mas sem que isso impeça o indivíduo de fazer a sua vida normal.

Sempre que alguém sofra um traumatismo ocular, deve imediatamente dirigir-se a um médico. Os pais devem agir deste modo em relação às crianças



que, nas suas brincadeiras, frequentemente sofrem «pancadas na vista». Assim se podem evitar situações irreversíveis.

Os responsáveis das oficinas devem defender os seus empregados com óculos de protecção, sempre que estes trabalhem com chama de electrogénio, soldadura ou noutras actividades do género. Muitas vezes surgem acidentes oculares de consequências desastrosas que seriam evitáveis se se adoptassem os cuidados mínimos, recomendados, aliás, pela legislação do trabalho.

Em suma, vamos colaborar na defesa dos nossos olhos. Eles são órgãos sensíveis e instrumentos preciosos para o trabalho, educação e prazer.

A tragédia do racismo

(Continuação das centrais)

o que provocou uma ruptura total de comunicação».

Considerando que «a Igreja não conseguiu até agora associar-se ao combate pela justiça» o Conselho das Igrejas na África do Sul, lançou um apelo às igrejas para que elas «dêem o seu apoio à sociedade enlutada e que intervenham perto das autoridades».

Além disso, o Instituto Cristão na África do Sul, numa declaração difundida na quinta-feira pelo Conselho Ecuménico das Igrejas, em Genebra, exprimiu a sua «solidariedade» com os estudantes de Soweto e convidou o Governo a reunir dirigentes negros e brancos numa «conferência nacional» para evitar a «violenta conflagração racial» a qual pode ser atingida.

R.S.A. COMITÉ DE SOLIDARIEDADE

BERLIM — A morte de estudantes e de operários em Soweto causada pelo terror policial que reina na RSA, constitui uma malha na cadeia de crimes vergonhosos perpetrados pelo regime bárbaro de Vorster contra a população africana, sublinha a declaração do Comité de Solidariedade da RDA, tornada pública em Berlim.

O Comité exige, em nome da opinião pública da RDA, a estrita execução por todos os estados, sem excepção, das decisões da ONU contra o regime do «apartheid». Exprime a sua solidariedade fraternal com o povo da RSA e o Congresso Nacional Africano da África do Sul, sua principal força na luta de libertação.



estas doenças acabam muitas vezes por provocar a cegueira. No entanto, quando detectadas a tempo, a sua cura é fácil e pouco dispendiosa. Além disso, em muitos casos, estas doenças seriam evitadas se se cumprissem determinadas regras elementares de higiene.

De colaboração com a camara da Antónia Mendes Teixeira, educadora sanitária e assistente social, trazemos hoje aos leitores do «Nô Pintcha» alguns esclarecimentos sobre as «doenças da vista», formas de as evitar, modo de as tratar a tempo e sua prevenção. O objectivo deste trabalho é levar a população a modificar o seu comportamento, em defesa da sua própria saúde. Efectivamente, na sociedade nova que estamos empenhados

DESPORTO

FUTEBOL: LESTE, 6-OIO, 2

Na noite de quarta-feira passada, no Estádio «Lino Correia», em Bissau assistiu-se a um interessante desafio de futebol entre as seleções do Leste e do Oio organizado pela subcomissão financeira da Comissão Nacional das Comemorações do XX Aniversário do PAIGC.

Este jogo pôs à prova, em duas circunstâncias diferentes, as duas seleções que se defrontaram. O interesse deste encontro consistiu em que as duas seleções se bateram em terreno seco e depois molhado, pois choveu nessa noite.

A partida iniciou-se com o terreno em boas condições. A selecção de Oio demonstrou durante os primeiros 30 minutos maior vigor, maior domínio da bola e, por isso, logo aos 17 minutos iniciais marcou o seu primeiro golo. Não tardou que se começasse a chover, factor que veio a modificar totalmente o aspecto anterior do jogo. Ainda aos 33 minutos, a selecção do Oio conseguiu marcar o seu segundo e último golo da partida.

Quando o terreno começou a ficar extremamente escorregadio, devido ao excesso de água, passou a ser necessário jogar com mais cuidado e com mais cabeça, a fim de evitar possíveis deslizamentos. O grupo do Oio baixou visivelmente de rendimento, nessas circunstâncias, e os do Leste, que até aí estavam descontraídos, começaram a jogar com mais vontade e destreza, aliando-se ao factor «chuva e terreno escorregadio», o que lhe permitiu estabelecer a igualdade nos 5 minutos finais da primeira parte.

Continuou a chover durante o segundo tempo e a selecção do Leste, encontrando agora melhor caminho para as malhas do adversário, não poupou fôlego e castigou este com golos sucessivos que em parte, foram permitidos por autên-

tes «frangos» cometidos pelo guarda-redes Sadjó. Ele não soube cobrir os ângulos, pois certos golos eram perfeitamente defensáveis.

Resultado final: Oio 2, Leste 6. Marcaram, para a selecção do Oio, os seguintes jogadores: Adão, aos 17 minutos e Baldé aos 33. Para a selecção do Leste: Cuca, aos 42, 50 e 72 minutos; Mapa, aos 44; Nêne aos 80 e Djob aos 85 minutos.

As três equipas apresentaram-se em campo com as seguintes constituições:

Arbitragem: Orlando Furtado auxiliado por Aladje Dabó e Romão Margado.

A selecção do Leste que teve como técnico, Bauer, treinador do Sporting de Bafatá e como seleccionador, Fausto Andrade, treinador do desportivo de Gabú, alinhou da seguinte maneira: Maio (Bafatá); Mafuge (Baf.), Campos, capitão (Gabú), Pina (Baf.) e Leal (Baf.); Sérgio (Gabú), Cuca (Baf.) e Aniz (Gabú); Amará Que-tá (Gabú) e Mapa (Bafatá).

Suplentes: Quehá (Gabú), Augusto (Gabú), Nêne, Nêne Cá e Adérito, de Bafatá.

A Selecção de Oio que teve como técnico Cipriano Jacinto, treinador do Desportivo de Farim, e como seleccionador Quinzinho Araújo, dos Balantas, alinhou da seguinte maneira: Sadjó (Balantas); Coró, capitão (Bal.), Adão (Farim), Pôpo (Far.) e Afonso (Bal.); Nuno Dieb (Bal.), Baió (Bal.) e Iano (Far.); Baldé (Bal.), Filipe (Far.) e Justino (Bal.).

Suplentes: Salvador (Far.) Irineu (Bissorã), Jaime (Far.), Franklin (Far.) e Afonso (mul.) de Bissorã.

DOS LEITORES

Estudante na URSS quer notícias

Do leitor Filomeno António Borges, estudante em Kiev, na União Soviética, recebemos uma carta, dirigida ao nosso director, em que depois de pedir a assinatura do «Nô Pintcha», escreve: «Peço o favor de os camaradas mandarem dizer ao meu pai para me escrever, pois estou há 8 meses na União Soviética e nem uma carta recebi da família, para saber como se encontram de saúde e saber as notícias da terra».

Depois de esclarecer que «já escrevi 10 cartas ao meu pai e aos meus irmãos» (sem resultados, pelos vistos), o estudante Filomeno Borges renova o apelo ao seu pai para que lhe escreva. Atenção, portanto, camarada António Borges, Presidente do Comité de Estado da Região do Oio.

Um outro leitor, este de Farim, de nome Filipe Fernandes Monteiro («mais conhecido pelo nome de capitão do grupo desportivo e Recreativo de Farim»), apela igualmente para os bons serviços do «Nô Pintcha».

«Solicito a sua colaboração e dos demais funcionários do jornal, para a publicação de um pequeno anúncio perguntando sobre o paradeiro certo de um irmão meu, de nome Felisberto Fernando Monteiro ausente há dois anos da Guiné-Bissau», explica o leitor de Farim, continuando: «Sucede que esse meu irmão, quando da entrada do nosso Partido em toda a terra, resolveu viajar até ao Senegal, a fim de contactar um dos nossos irmãos, chamado Rogério de Oliveira, membro do C.S.L. e responsável na Região do Oio».

PEQUENOS ANÚNCIOS

COMPRA-SE

Sucatas em alumínio, cobre, bronze e carcaças de Vespa. Qualquer quantidade. Variedade de peças de motores, de panelas, pratos, cápsulas de monições, tubos e fios eléctricos, (encapados ou não) etc.

Contactar com Seabra em frente à Técnil ou na casa Libanesa, telefone 3604 em Bissau.

MUDANÇA DE NOME

Nos termos do n.º 1 do artigo 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que Mussá Sanhá, solteiro, de 23 anos de idade, empregado bancário, natural de Bissau, filho de Cairaba Sanhá e de Mariana Sanhá, residente nesta cidade na Avenida Unidade Guiné-Cabo Verde, requereu a alteração da composição do seu nome fixado no assento de nascimento para Mussá Cairaba Sanhá.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio.

DIA DOS REFUGIADOS AFRICANOS

ADDIS ABEBE (TASS) — Peter Onu, secretário-geral adjunto da Organização da Unidade Africana, acentuou sobre a necessidade de se aumentar a ajuda material aos movimentos de libertação na África, em luta pela liquidação total do racismo e do colonialismo no continente, ao intervir. Interveio na quinta-feira durante uma cerimónia solene organizada por ocasião do «Dia dos Refugiados Africanos». O problema dos refugiados foi gerado pela tensão crescente nas regiões da África, onde dominam o colonialismo e o racismo, disse Peter Onu. O caminho para a solução deste problema passa pela luta contra estes principais inimigos de África, sublinhou. Kifle Wodajo, ministro dos Negócios Estrangeiros da Etiópia, declarou que os povos do mundo, amantes da paz, devem apoiar a luta do continente africano pela sua libertação completa. O problema dos refugiados exige uma solução urgente, disse Wodajo. Convidou os países a assinarem a convenção sobre os refugiados em África. Actualmente só a assinaram 17 estados de África.

Moçambique e Guiné-Conacry condenam a entrega de centrais nucleares à África do Sul

DAKAR (AFP) — A Guiné e Moçambique condenam o fornecimento à África do Sul de meios que lhe permitam produzir armas nucleares, indica um comunicado conjunto difundido pela Rádio Conacry, captada em Dakar. No final da visita oficial à Guiné de Samora Machel, chefe de estado moçambicano.

Este fornecimento, acrescenta o comunicado que não cita a França, «é um factor extremamente indigável que tem por objectivo consolidar o sistema odioso do apartheid».

Por outro lado, os dois países lançaram um apelo a todos os países, às organizações internacionais para que deem o seu apoio a Moçambique após a sua decisão de fechar a fronteira com a Rodésia.

Além disso, renovaram o seu apoio ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) assim como aos povos dos Comores, Djibouti e Palestina e, reafirmaram, segundo o comunicado, a sua decisão de reforçar as trocas de pontos de vista com os povos progressistas de África, tendo em

vista «desenvolver a unidade de acção contra o imperialismo». Por fim sobre o plano bilateral, os dois países decidiram reforçar a sua cooperação em todos os domínios, e criar para tal uma comissão mista de cooperação.

ENCONTRO CHISSANO-MELO ANTUNES

LISBOA (AFP) — O major Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, teve conversações, em Roma, com o seu homólogo moçambicano, Joaquim Chissano, indicou na quinta-feira um comunicado do ministro dos Negócios Estrangeiros.

O major Melo Antunes tinha estado no domingo, em Roma, para uma visita classificada de «privada». Desde então a Imprensa portuguesa tinha-se entregue a diversas especulações.

O comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros deixa entrever uma normalização próxima das relações entre Portugal e a sua antiga colónia. «A reunião — disse, desenvolveu-se num clima de cordialidade e compreensão mútua». Acrescentou que «os princípios fundamentais que devem resolver as relações dos dois países foram redefinidos», e que os dois interlocutores chegaram a «uma base de entendimento que permitiu ultrapassar algumas das dificuldades que tinham surgido nas relações entre os dois países».

O comunicado do ministro dos

Negócios Estrangeiros indica que Joaquim Chissano manifestou o desejo do seu governo abrir uma embaixada em Portugal o mais cedo possível, em princípio este ano, e que os dois interlocutores acordaram para que sejam realizadas comissões mistas encarregadas de estudar as questões de cooperação entre os dois países nos domínios cultural, técnico, judiciário e económico.

SAMORA MACHEL MEDALHA «JOLIOT-CURIE»

MAPUTO (TASS) — Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique e da FRELIMO, foi atribuído a «medalha de ouro», com o nome de Fredrick Joliot-Curie.

A atribuição a Samora Machel da recompensa suprema do Conselho Mundial da Paz simboliza o reconhecimento dos méritos expressados pela FRELIMO os seus dirigentes e todo o povo moçambicano à libertação de África do colonialismo e do racismo, declarou Romesh Chandra, secretário-geral do CMP, durante uma cerimónia solene que teve lugar no Maputo.

Em resposta o Presidente da República de Moçambique agradeceu a atribuição desta alta recompensa que cabe, disse, a todo o povo moçambicano. Samora Machel exprimiu a vontade de Moçambique em elevar alto a bandeira da luta para a paz e liberdade dos povos, e apoiar os movimentos libertadores do Zimbábue, Namíbia e RSA.

O embaixador dos E.U.A. no Líbano assassinado em Beirute

WASHINGTON (TASS) — O presidente Gerald Ford anunciou que Francis Meloy, embaixador dos E.U.A. no Líbano e Walter Warring, conselheiro económico da embaixada, assim como o seu condutor foram «assassinados de maneira bárbara em Beirute». Os dois diplomatas dirigiam-se, prosseguiu Ford, ao encontro com o presidente da República do Líbano Elias Sarkis a fim de analisarem com ele a situação criada no Líbano.

Gerald Ford declarou ter ordenado o Secretário de Estado para entrar em contacto com todos os governos desta região e com os líderes libaneses a fim de prenderem e punirem os assassinos.

EVACUAÇÃO DE AMERICANOS

(A.F.P.) — O presidente Gerald Ford ordenou ontem de manhã a embaixada dos E.U.A. em Beirute de proceder a evacuação de todos os refugiados americanos residentes no Líbano que desejam ser repatriados, anunciou um porta-voz do departamento de estado. O porta-voz não precisou o momento em que a evacuação poderia começar. A embaixada de Beirute disse ele, continuará aberta e o pessoal necessário será mantido lá a fim de «prosseguir os nossos esforços para pôr termo à luta que trouxe a tragédia ao Líbano». O número dos refugiados americanos que vivem no Líbano é de 1400, 53 dos quais são membros do pessoal da embaixada. Há alguns meses atrás eles eram de 3000.

CONDENAÇÃO DO ATENTADO

BEIRUTE (TASS) — O comando unificado das forças progressistas nacionais do Líbano e da resistência palestina condenou o assassinio do embaixador americano, tendo instituído um comité especial encarregado de investigar e de punir os autores desse acto.

A rádio a «Voz da Palestina» difundiu uma declaração precisando que as forças progressistas nacionais do Líbano e a resistência palestina não têm nada a ver com esse acto perverso. Este último é susceptível de fazer o jogo dos inimigos da revolução palestina e das forças nacionais patrióticas do Líbano.

Portugal: incidentes na campanha para as eleições presidenciais

LISBOA (TASS) — Em Portugal, à medida que se aproximam as eleições presidenciais, a situação agrava-se. Isso explica-se, em parte, pelas acções de elementos reaccionários e de direita que se entregam, em certas regiões do país, a provocações contra os candidatos à presidência.

Os separatistas organizaram contra o candidato Ramalho Eanes, que se encontrava em Ponta Delgada (nos Açores), uma manifestação pouco numerosa mas muito barulhenta. Explodiu no aeroporto quando Ramalho Eanes acabava de chegar uma pequena bomba.

Nas províncias setentrionais, os extremistas da direita organizaram, no decorrer destes dois últimos dias, provocações contra um outro candidato Otelo Saraiva de Carvalho, candidato dos partidos e organizações esquerdistas. O candidato à Presidência não pode mesmo ir às cidades de Bragança e Viseu, devido à situação tensa provocada pelos reaccionários.

A seguir a esta acção, o candidato do Partido Comunista, Octávio Pato, fez uma declaração na qual condena energicamente os atentados dos reaccionários de direita às instituições democráticas do país, e exigiu às autoridades que garantissem a todos os portu-

ses a possibilidade de gozar, sem entraves, de direitos democráticos, previstos pela nova Constituição.

Convidou todas as verdadeiras forças de esquerda no país, os militares de opiniões democráticas, todos os patriotas e anti-fascistas, à unidade de acção no interesse de um novo Portugal.

Almeida e Costa, ministro da Administração Interna, reconheceu, numa entrevista dada ao jornal «Diário de Notícias», que o clima de tensão no país foi criado artificialmente, e que representa uma tentativa de intimidar a população e semear a desconfiança em relação às autoridades legais.

O GOVERNO APROVA FUSÃO DE JORNAIS

LISBOA (AFP) — Para remediar o «deficit» enorme que atravessa a Imprensa nacional portuguesa, o Conselho de ministros aprovou um projecto de reestruturação que atinge 4 diários de Lisboa.

O governo decidiu fazer a fusão das empresas do «Diário de Notícias» (de manhã) e de «A Capital» (de tarde), de igual modo «O Século» (de manhã) e o «Diário Popular» (de tarde). Este projecto, que levantou reticências ge-

neralizadas, senão hostilidades, dos trabalhadores dos quatro diários, prevê, entretanto, a manutenção dos quatro títulos. A fusão, por enquanto, só diz respeito às empresas e equipamento.

A dívida acumulada pelos quatro diários, que empregam mais de 3 mil pessoas, em relação ao tesouro público, ultrapassa os 10 biliões de francos.

O Conselho de ministros aprovou, além disso, a criação de uma escola de jornalismo e de duas empresas públicas para reagrupar e distribuir a publicidade, assim como a formação de um Conselho de Informação encarregado de vigiar o respeito do «pluralismo ideológico» na Imprensa nacionalizada. Este Conselho será composto de delegados dos partidos representados na Assembleia.

Dos 14 quotidianos, que têm uma difusão à escala nacional, 8 passaram para as mãos do Estado por intermédio da nacionalização dos bancos que os controlavam antes do 25 de Abril de 1974. Os outros 4 diários não foram, pois, ainda atingidos. O governo deseja, especialmente no caso do «Diário de Lisboa», que a parte do capital que lhe pertence seja resgatado pelos trabalhadores para que eles formem uma cooperativa.

LUANDA (TASS) — O jornalista britânico, Stewart Tendler, foi expulso da República Popular de Angola. Segundo um porta-voz do governo da RPA, esta medida foi tomada devido a artigos publicados por Stewart Tendler no jornal londrino, «Times», contendo falsidades acerca da situação em Angola.

A PRÓXIMA CIMEIRA DA O.U.A.

NAIROBI (TASS) — A preparação da próxima assembleia da cimeira da Organização da Unidade Africana, prevista para o mês de Julho, na ilha Maurícia, está praticamente acabada, e não há nenhum problema com a candidatura de novo presidente da OUA. Esta declaração foi feita, em Nairobi, por William Eteki Mboumoua, Secretário Geral da OUA, que vai a Kampala ter conversações com Idi Amin Presidente da Uganda e Presidente em exercício da OUA.

A ADMISSÃO DE ANGOLA NA O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS (AFP) — O Conselho de Segurança reuniu-se à na próxima segunda-feira, dia 22, para examinar o pedido de admissão de Angola como membro das Nações Unidas, indicava-se na quarta-feira, no final de consultas entre membros do Conselho sobre a organização dos seus trabalhos durante o resto do mês de Junho.

PNUD: REDUÇÃO NA AJUDA AO TERCEIRO MUNDO

GENEVA (APS) — O programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) deve proceder este ano a reduções na sua ajuda ao Terceiro Mundo, pelo facto de os recursos de que dispunha terem sido terrivelmente reduzidos. O administrador que se dirigia no Conselho de administração da PNUD, reunido pela sua 22ª sessão anual, em Genebra, indicou que era provável que 1977 fosse um ano austero. Segundo um relatório oficial, a PNUD, cujas operações cobrem 147 países e territórios em vias de desenvolvimento, deve reduzir as suas actividades em 15% em relação, às suas previsões.

FINLÂNDIA: AUXÍLIO A MOÇAMBIQUE

HELSINKI (TASS) — A Finlândia decidiu, na quarta-feira, conceder daqui até ao fim do ano, um 1,5 milhão de marcos à República Popular de Moçambique, a título de ajuda graciosa para o desenvolvimento económico deste país. A agência telegráfica finlandesa anunciou ainda que a Finlândia concederá igualmente este ano a Moçambique um empréstimo de 10 milhões de marcos.

REMODELAÇÃO MINISTERIAL NA MAURITÂNIA

NOUAKCHOTT (AFP) — A entrada de um militar para governar no mauritaniano, e a criação de um ministério da Pesca, são os dois pontos principais da remodelação ministerial parcial efectuada na quinta-feira, em Nouakchott. O coronel Ould Maypuf é, de facto, o primeiro militar a entrar no governo mauritaniano desde o seu acesso à independência, em 1960. O novo ministro da Construção era anteriormente comandante do «Grupo um» do exército mauritaniano.

HUSSEIN VISITA A U.R.S.S.

MOSCOVO (AFP) — O rei Hussein da Jordânia chegou na quinta-feira à tarde a Moscovo para uma visita oficial de 10 dias a União Soviética, durante a qual discutirá com os dirigentes soviéticos a compra de armas pela Jordânia. O soberano da Jordânia, que visita pela segunda vez a URSS foi recebido pelo chefe de Estado, Nikolai Podgorny, pelo primeiro ministro, Alexei Kossiguine e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, assim como pelo marechal Pavel Kutakov, comandante-chefe da Força Aérea.

No internato de C6

Antigos professores combatentes preparam-se para ensinar na paz

O Internato M6ximo Gorki, instalado na sec76o de C6, a nove quil6metros de Bula, em Dezembro do ano passado, 6 o primeiro centro de reciclagem de professores criado depois da liberta76o total do nosso pa6s.

O antigo aquartelamento colonial, construído dentro da pr6pria povoa76o (com fins defensivos) foi transformado em estabelecimento de ensino de professores. Mas ainda ali persistem vestígios da presen76a das for76as 6pressoras: inúmeras l6pidas em homenagem 6s companhias portuguesas e aos soldados mortos pelas for76as de liberta76o nacional, um enorme cord6o de terra erguido 6 volta do quartel, abrigos subterr6neos e trincheiras.

No exterior das muralhas, as palhotas concentram-se junto 6 estrada principal ou dispersam-se nas tabancas distantes da chamada «cidadezinha». C6 disp6e apenas de uma loja particular, 6 m6ingua de Armaz6m do Povo. A popula76o, sensivelmente t6o numerosa como a de Bula, beneficia da exist6ncia de um posto de socorros ou recorre ao que existe integrado no Internato. A povoa76o tem duas escolas, onde funcionam as aulas da 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, e duas compridas barracas cercadas de palmeiras, onde as crian76as da pr6-prim6ria e da 1.ª classe recebem as aulas, mas que certamente n6o resistir6o 6s chuvas. Esses estabelecimentos escolares contam com 615 alunos e 12 professores.

Se fal6mos de C6 e da vida da sua popula76o 6 porque o Internato, onde nos desloc6mos em reportagem, n6o est6 ligado a esta povoa76o apenas por acidente geogr6fico: uma profunda interliga76o se verifica entre a popula76o escolar e docente que o frequenta e a restante popula76o da 6rea.

RECICLAGEM

Durante a nossa visita ao Internato, o seu director, camarada Jorge Ampa, falou-nos longamente sobre as realiza76es, perspectivas e funcionamento deste estabelecimento escolar.

«A atribui76o a esta escola do nome de M6ximo Gorki — come76ou por dizer-nos — constitui uma homenagem a este grande escritor sovi6tico que, desde os prim6rdios da revolu76o, contribuiu bastante para a mudan76a das estruturas da sociedade de ent6o».

Falando da finalidade da cria76o desta escola, o camarada Jorge Ampa explicou-nos que se procurou juntar, em curto espa76o de tempo, os professores combatentes, ainda jovens, sem responsabilidades familiares, para lhes dar uma forma76o de tr6s anos, ao fim dos quais estar6o aptos a ensinar nos estabelecimentos de ensino.

«Durante a luta — continuou — os docentes eram submetidos a uma prepara76o intensiva, de acordo com as necessidades da guerra. Mas esse m6todo n6o pode continuar a servir, pois certos professores, antigos combatentes, possuem um n6vel pedag6gico relativamente baixo. Este centro destina-se a melhorar o seu n6vel de conhecimentos, atrav6s de uma reciclagem».

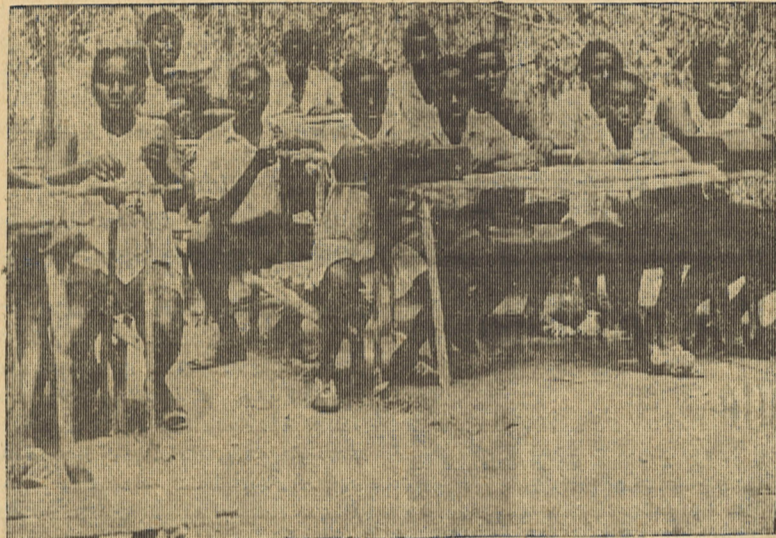
Mas esta prepara76o de tr6s anos ser6 suficiente para colocar estes antigos professores combatentes 6o n6vel exigido pelas novas realidades do ensino que queremos ministrar na nossa terra? Eis a opini6o do director do Internato M6ximo Gorki:

«Na minha opini6o n6o 6 suficiente. No entanto, temos que partir das nossas realidades. Estes professores t6m um n6vel muito baixo, muitos deles fizeram a quarta classe h6 muito tempo. Continuando a dar aulas permanentemente, podiam sofrer uma estagna76o ou mesmo um retrocesso. Mas isso n6o era raz6o para os suprimirmos, tanto mais que o ensino vir6 a ser remodelado. Este tempo de reciclagem pode n6o ser sufi-

ciente, mas permite-lhes p6r na pr6tica ensinamento 6teis que adquirem aqui.

Estes professores recebem uma forma76o de dois anos equivalente ao ciclo preparat6rio, aprofundado, findo o qual lhes s6o dadas, durante um ano, no76es de pedagogia.

Mas, como 6 evidente, nem todos os professores das antigas



zonas libertadas est6o a passar pelo Internato M6ximo Gorki. Este conta apenas 30 alunos.

«Isso acontece por imperativo econ6mico, particularmente devido 6 crise de quadros que temos. Ser-nos-ia dif6cil submeter todos os professores antigos combatentes a reciclagem neste Centro. Por isso optou-se em admitir determinado n6mero deles anualmente ou de dois em dois anos».

DEMOCRACIA

As aulas no Internato M6ximo Gorki entraram em funciona-

mento no fim de Janeiro, depois de vencido um sem n6mero de dificuldades. Mas a direc76o da escola menciona o dia 22 de Janeiro como uma data hist6rica na sua vida. Com efeito, foi nesse dia que se formou a estrutura directiva do Internato.

«Foi um trabalho delicado, que exigiu muita pondera76o, responsabilidade e ju6zo de escolha. Apesar de todos conhecerem os objectivos da nossa luta e os princ6pios revolucion6rios do nosso Partido, os professores ainda n6o se conheciam de perto. Uns vinham do Norte, outros do Leste, outros do Sul. O problema foi entregue aos pr6prios alunos, que escolheram uma Direc76o composta por tr6s dezenas de pessoas, entre as quais tr6s membros da Direc76o e tr6s professores, dos quais saiu um comiss6rio pol6tico, formando os restantes dois o comit6 da escola».

Al6m deste 6rg6o, existem es-

truturas destinadas a assegurar o funcionamento do Internato no dia a dia, em todos os aspectos. Estudo e pr6tica est6o intimamente ligados. Os professores n6o escapam a divis6o das tarefas pr6ticas.

«Um professor n6o tem apenas como tarefa dar aulas», precisou o camarada Ampa. «Precisa de se integrar na vida dos alunos».

(Continua no pr6ximo n6mero)

Em Bissau decorrem conversações com o Brasil

O Presidente Luiz Cabral recebe depois de amanhã, segunda-feira, a delega76o t6cnica brasileira, que se encontra no nosso pa6s em contacto com as autoridades locais, a fim de estudar as possibilidades de coopera76o. Anteriormente, os camaradas Jos6 Ara6jo, comiss6rio Sem Pasta, e Victor Sa6de Maria, comiss6rio dos Neg6cios Estrangeiros, receberam a miss6o brasileira.

Dirigida pelo embaixador Italo Zappa, chefe do departamento da 6frica, 6sia, e Oceania do minist6rio brasileiro das Rela76es Exteriores, a delega76o

brasileira tem travado conversações com uma delega76o do nosso pa6s, chefiada pelo camarada Avito da Silva, secret6rio-geral do comissariado da Agricultura e Pecu6ria. Os trabalhos t6m incidido sobre as perspectivas de coopera76o nos dom6nios da agricultura, sa6de, educa76o e comunica76es.

A miss6o brasileira efectuou, entretanto, diversas visitas, deslocando-se ontem a Bubaque. Esteve ainda na granja de Pessub6 e na f6brica C6cer. Na pr6xima ter76a-feira deixar6 o nosso pa6s, seguindo para Cabo Verde.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

C.I.A. ENVOLVIDA NO ATENTADO CONTRA AMIN

KAMPALA (TASS) — A C.I.A. dos E.U.A. est6 implicada no atentado contra o Presidente do Uganda cometido na passada semana.

Idi Amin, Chefe de Estado, fez esta declara76o perante os membros do seu Governo e os diplomatas estrangeiros acreditados em Kampala. Ele denunciou os ataques do imperialismo e do neo-colonialismo contra os pa6ses africanos independentes.

RODÉSIA: LIBÉRIA PRONTA A ENVIAR TROPAS

MONR6VIA (AFP) — O Presidente Tolbert reafirmou que a Lib6ria estava pronta a enviar tropas 6 Rod6sia para combater ao lado dos movimentos africanos de liberta76o, «se lho f6r pedido».

Dirigindo-se 6 Imprensa no seu regresso da Alemanha Ocidental, o Presidente da Lib6ria acrescentou que o seu pa6s concederia esta ajuda militar «de consci6ncia clara» porque «todos os meios pac6ficos e razo6veis tinham sido tentados». O presidente Tolbert sublinhou que «o povo liberiano respondeu sempre ao apelo dos seus irm6os onde quer que seja, no continente africano».

SUBVERS6O NA Z6MBIA

LUSAKA (TASS) — A Corte Suprema da Z6mbia pronunciou penas de morte contra 4 participantes dos mais activos na organiza76o terrorista clandestina criada com o objectivo de fazer um golpe de Estado e de assassinar o presidente do pa6s. H6 entre eles, Chipango, antigo «maire» de Livingstone, e antigo deputado, Kasoma.

Os racistas sul-africanos tinham tomado parte activa na prepara76o do atentado. Com a sua ajuda, bandos armados foram formados no territ6rio da Nam6bia, ocupado ilegalmente pelo regime sul-africano e estes bandos deviam participar no derube do governo zambiano.

AUTOESTRADA CAIRO.BOTSWANA

ADDIS-ABEBA (TASS) — A primeira confer6ncia dos representantes do Egipto, do Sud6o, da Eti6pia, do K6nia, da Tanz6nia e da Z6mbia, terminou pela adop76o do projecto de constru76o da autoestrada que atravessar6 a 6frica oriental, do sul ao norte. O projecto prev6 nomeadamente, a constru76o da estrada de um comprimento total de 9000km que ligar6 Cairo a Galber6es, capital do Botswana.

A confer6ncia decidiu que os planos de desenvolvimento econ6mico dos pa6ses interessados devem conceder uma aten76o primordial 6 constru76o da autoestrada.

Tribunal Popular pede pena de morte para os mercen6rios

(Continua76o da 1.ª p6gina)

foram contradit6rios, especialmente, em rela76o ao massacre decisivo na regi6o de S. Salvador ao redor do rio Lunda, sobressa6o ent6o, tanto o terror que os mercen6rios inspiravam 6s popula76es civis.

6 a um outro n6vel, parece, que se vai situar a ap6ca76o dos julgados, e isso foi evocado indirectamente na audi6ncia de quinta-feira pelo Presidente do Tribunal, Teixeira da Silva, que conduziu os debates com uma competente autoridade.

Enquanto McKenzie se defendia de ter podido cometer mortes em S6o Salvador, no princ6pio do m6s de Janeiro, pois encontrava-se na Gr6-Bretanha, Teixeira da Silva tomando ac6o dessa precis6o, fez-lhe lembrar que poderia apresentar a sua defesa no devido momento. «Mas ter6 tamb6m que me falar, disse, do crime maior de que 6 acusado: ter pogado numa arma para atirar6o todo um povo na vergonha e no medo».

NA RODÉSIA MERCEN6RIOS

MAPUTO (TASS) — As autoridades racistas da Rod6sia formam novos comandos de mercen6rios estrangeiros para impedir o movimento de liberta76o nacional dos patriotas do Zimbabue. Segundo informa76es de Salisb6ria, unidades, agrupando 450 homens recrutados essencialmente entre os que, resgatados do ex6rcito colonial portugu6s, tinham lutado contra os povos da Guin6-Bissau, Angola e Mocambique, foram criados na capital Rod6siana.

Surpreendidos pelas opera76es com 6xito dos patriotas do Zimbabue, o governo da minoria branca j6 n6o confia no seu ex6rcito: